



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO COM HABILITAÇÃO
EM JORNALISMO

Victor Uchôa Firmo

O VIAJANTE APRENDIZ
Impressões de um mochileiro em terra estrangeira

Salvador
2009.1

Victor Uchôa Firmo

O VIAJANTE APRENDIZ
Impressões de um mochileiro em terra estrangeira

Memorial Descritivo do Trabalho de Conclusão de Curso – produto livro de crônicas, apresentado à Banca, para obtenção do grau de bacharel em Comunicação Social, habilitação em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação da UFBA, orientado pela Professora Dra. Malu Fontes.

Salvador
2009.1

RESUMO

O Viajante Aprendiz é um livro-reportagem que reúne textos escritos no período entre setembro de 2007 a julho de 2008, quando o autor participou do programa de intercâmbio da Universidade Federal da Bahia, realizado através do convênio de cooperação existente entre a UFBA e a Universidade do Minho (Braga/Portugal). A oportunidade de morar no exterior, junto com estudantes de diversos países do mundo é, para qualquer universitário, para além do enriquecimento acadêmico, uma experiência de crescimento pessoal. Passagens marcantes desta vivência foram registradas em textos que misturam a observação jornalística ao valor subjetivo. Os fatos apresentados no livro são todos verídicos, narrados, no entanto, por um sujeito participante, que tenta mesclar a informação precisa de uma reportagem de campo à linguagem ora lúdica, ora dramática da literatura.

Palavras-chave: crônicas; jornalismo de viagem; livro-reportagem; jornalismo literário; comunicação; turismo.

SUMÁRIO

1. Apresentação	03
2. Trajetória	07
3. Fundamentação Teórica	10
3.1. Comunicação e Publicações destinadas a turistas	10
3.2. Jornalismo de Viagem	14
3.3. Jornalismo literário e livro-reportagem	17
3.4. O que move o mundo	22
4. Considerações Finais	25
5. Referências Bibliográficas	27

1 - APRESENTAÇÃO

O Viajante Aprendiz ganhou forma aos poucos, em um processo de dez meses de vivência. As 20 crônicas que compõem esta coletânea foram escritas em momentos diferentes, a partir de situações vivenciadas em Braga, cidade portuguesa onde vivi por dez meses, ou em viagens por outros países da Europa e pelo Marrocos, todas ocorridas durante o período de morada em Portugal. Com 21 anos e nunca antes tendo saído do Brasil, viver em outro país, cercado por representantes das mais distintas nações, me proporcionou experiências (boas e ruins) jamais imaginadas. Para um estudante de Jornalismo, nada mais indicado do que narrar textualmente suas vivências, e são, justamente, estas narrativas que agora estão reunidas nesta coletânea de crônicas.

Algumas destas crônicas, na época em que foram produzidas, chegaram a ser publicadas em veículos impressos de Salvador e de Portugal, a exemplo da *Revista Metrôpole*¹ e do jornal *UMdicas*². A

¹ Veículo impresso mensal do Grupo Metrôpole, de Salvador, que circulou entre junho de 2007 e novembro de 2008, com reportagens, colunas e artigos.

idéia de reunir o material em um livro nasceu da constatação de que havia um acervo relevante de textos, todos ilustrados com fotos feitas por mim ou por companheiros de viagem. Contudo, é importante dizer que o livro não é um guia para turistas, afinal, não apresenta classificações qualitativas sobre roteiros, opções de hospedagem ou transporte, tampouco aponta ao leitor possíveis atrações turísticas.

Como já foi dito, cada crônica presente em *O Viajante Aprendiz* é fruto de uma experiência pessoal. É, antes de qualquer coisa, um conjunto de impressões. É possível, então, que a narrativa corra no sentido oposto ao que usualmente é escrito sobre as cidades apresentadas. O objetivo não é dar dicas de passeio ou locais de visitação. Os textos nasceram a partir de fatos que me chamaram a atenção, estando eu no contexto da viagem. O leitor pode concordar ou não com o meu ponto de vista, pois o compromisso da obra é com a percepção de que durante uma viagem é possível descobrir-se um mundo além do que está exposto nos roteiros turísticos, e é bom que cada um vá ver o que mais lhe toca a alma.

² Veículo impresso mensal dos Serviços de Ação Social da Universidade do Minho (Braga/Portugal).

Nas livrarias e bancas de revistas, a maior parte do acervo editorial encontrado sobre viagens está voltado para a prestação básica de serviço aos turistas. É dada demasiada importância aos custos de uma viagem e indicações com preços de hospedagem e alimentação. A descrição das cidades pauta-se em ligeiras apresentações dos monumentos históricos, e quem seguir restritamente essas dicas dificilmente encontrará algo diferente do que poderia encontrar sentado em sua casa, de frente para um computador, navegando por páginas de turismo na internet.

Os homens são eternamente guiados pela possibilidade de virar nas esquinas da vida e deparar-se com o desconhecido. Portanto, viajar faz parte da natureza humana. Por prazer ou obrigação, todas as viagens estão atreladas a movimento, a deslocamento no mundo, à idéia de aventura. É neste ponto que se distinguem dois personagens: o turista e o viajante. O primeiro segue estritamente o que está posto nos guias. Escalas de estrelas e/ou cifras classificam restaurantes, hotéis, museus e monumentos. Para boa parte dos turistas, é suficiente uma rápida passada por cada local descrito no guia e a produção de umas tantas fotos em frente aos

pontos de atração. Não há fruição. Não há inserção em cada ambiente visitado. Em última (e talvez pretenciosa) análise, a viagem não passa de uma oportunidade para registros imagéticos.

O viajante, por sua vez (e agradeço a todos que encontrei pelo caminho) constrói o seu momento. Este personagem se dá a oportunidade de realizar trocas simbólicas com o local visitado. Busca, em cada rua ou ponto de interesse, relações com as suas origens. Deixa-se envolver pela atmosfera do espaço, observa a relação das pessoas com o seu meio e encontra alternativas subjetivas de apreensão do momento. Vive, em resumo, uma “Experiência *Antropoterápica*”³. Essa expressão foi cunhada por mim e pela companheira de viagens Rinah Souto para ilustrar a importância da relação com o próximo. A aproximação com as pessoas e o aprendizado proporcionado por essa aproximação são fatores preponderantes na formação pessoal. Neste limite, nasce o

³ Vivendo uma experiência como a de um intercâmbio estudantil, é comum que ocorram mudanças no modo como as pessoas encaram determinados assuntos e situações. É uma espécie de terapia sem a formalidade do consultório. Como estávamos em constante relação com estudantes de diversos lugares do planeta, criamos uma expressão que representasse, de forma lúdica, esta experiência terapêutica através das relações humanas.

viajante. É possível até viajar sem sair da cidade onde se vive, através das já citadas trocas simbólicas. Diversas crônicas aqui apresentadas pautaram-se desta maneira: escritas no quarto onde eu vivia em Portugal, mas já fora da realidade que me acostumei a ver desde a infância, fruto de situações vivenciadas pela relação com o outro.

O Viajante Aprendiz não se prende a temas específicos, afinal, em uma viagem, são os temas que nos escolhem. No livro, existem impressões sobre grandes metrópoles mundiais, a exemplo de Londres, Paris e Barcelona, assim como narrativas de situações vivenciadas no interior de Espanha, Portugal e Marrocos. Viena é vista como cenário de uma grande festa do futebol, ao tempo em que a melancolia permeia a visita ao campo de concentração de Auschwitz, na Polônia. Religião, política e cultura fundem-se em textos curtos, narrados por quem viu cada fato de perto.

A coletânea tem uma pequena introdução, cujo objetivo é apenas mostrar ao leitor em quais circunstâncias as crônicas foram escritas e tentar conduzi-lo à leitura. O projeto gráfico do livro prevê

uma capa com foto colorida, assim como as fotografias inseridas nas páginas internas, têm o objetivo de valorizar os personagens ou as situações fotografadas. As fotografias servem para dar rosto à alguns personagens que aparecem no livro, assim como inserir o leitor no contexto em que as crônicas foram escritas, o que torna a leitura mais prazerosa.

O livro está formatado em tamanho A5 - 210×150 mm (meio ofício) - que propicia reduzido custo de impressão. Sumário, introdução e capítulos se iniciam em páginas ímpares. Para que a leitura seja leve e agradável, a fonte do texto é Arial, (uma fonte sem serifa, de boa legibilidade), tamanho 12, na cor preta, com espaçamento 1,5 cm, em atenção ao espaço disponível e conforto na leitura. Cada crônica ficará em um capítulo próprio e os capítulos se iniciam com o título da crônica seguido da data e da cidade em que foi escrita.

O projeto de *O Viajante Aprendiz* foi apresentado à Editora da Universidade Federal da Bahia – Edufba, na pessoa de Flávia Rosa, diretora da entidade. Dela, recebi apoio durante o processo de

editoração do livro, com informações técnicas próprias de um profissional da área editorial. Por fim, existe um compromisso da Edufba de imprimir cerca de 10 exemplares do livro depois da avaliação da banca de graduação. Além disso, o projeto foi apresentado a outras empresas, que se mostraram dispostas a dar apoio à publicação de mais exemplares. O Colégio Oficina, onde fiz minha formação de ensino fundamental e médio, cedeu a sua gráfica para a impressão de cerca de 200 livros. Como a estrutura do colégio não permite a impressão de grandes volumes em cores, a impressão do álbum de viagens será feita numa gráfica externa, com o apoio financeiro da Replan Reformas e Serviços Ltda.

Para apresentação à Banca de Avaliação do Trabalho Final de Conclusão de Curso, *O Viajante Aprendiz* foi apresentado fora do formato padrão de livro. Esta opção se deu devido aos altos custos da impressão em brochura e, como os membros da banca podem, eventualmente, sugerir alterações no conteúdo da obra, não seria prudente imprimir a versão definitiva antes da avaliação.

Deixo claro desde já que não pretendo ter nenhum tipo de lucro com a publicação desta obra. Os exemplares de *O Viajante Aprendiz* serão destinados prioritariamente aos familiares, amigos e colegas de trabalho. E, como é uma obra que definirá o fim do meu ciclo na graduação universitária, servirá como um “cartão de visitas” para eventuais oportunidades profissionais futuras.

2 - TRAJETÓRIA

Curiosidade. Talvez essa tenha sido a grande motivação para que eu entrasse no curso de Jornalismo, que encontra seu desfecho agora, através de *O Viajante Aprendiz*. Somando a isso o gosto pela leitura e pela escrita, não tive dúvida no momento da inscrição no vestibular, ainda que, naquele instante, não fosse completamente claro para mim as atribuições do fazer jornalístico, o qual agora me fascina.

É preciso dizer, no entanto, que muito do meu gosto pelo jornalismo eu não encontrei nele. Na verdade, confesso que fui, de certa maneira, repellido por outra área. Antes de ingressar e paralelamente à Facom, cursei três semestres de Direito, tentando desvendar na carreira jurídica uma porta de saída para a tão sonhada estabilidade profissional. Não consegui. O formalismo e a mera aplicação de fórmulas prontas me desanimaram. No Jornalismo, vislumbrei outro caminho, pois mesmo quando se trabalha com formalismo e aplicação de fórmulas prontas, faz-se uma coisa nova a cada dia.

Curvei o primeiro semestre da Facom ainda de maneira vacilante, sem tomar muito gosto pelo suporte teórico da comunicação que, só posteriormente, percebi importante. Na disciplina Oficina de Comunicação Escrita, tive o contato inicial com técnicas de escrita jornalística, ainda que um tanto superficiais. Tudo era incerto, mas mudou no semestre seguinte. Veio a Oficina de Comunicação Audiovisual e as valorosas aulas de fotografia com o professor José Mamede. Veio o primeiro estágio, na Assessoria Geral de Comunicação do Governo do Estado - Agecom. Ali, integrando a equipe de produção do Diário Oficial ao lado de experientes (e competentes) jornalistas, fui apresentado ao “clima de redação”, reconhecido apenas pelos que já o vivenciaram.

No terceiro semestre, a reportagem. Com o professor Fernando Conceição, então à frente da Oficina de Jornalismo Impresso, fiz parte da turma que reascendeu o Jornal Laboratório da Facom, colocando nas ruas, em um único semestre, quatro edições de um veículo munido de reportagens de interesse público e tiragem de 10 mil exemplares, distribuídos pelos próprios alunos em diversos

pontos de Salvador. O professor, premiado repórter de outrora e reconhecido incentivador dos novos repórteres de agora, conseguiu que a turma abraçasse o conceito de que “Jornalismo é gastar sola de sapato”. Essa é a idéia que me atrai.

Também no terceiro semestre, cada aula de Estética da Comunicação era como um passo a mais no mundo. Do professor Monclar Valverde, ouvi idéias que guardo até hoje, sabendo que guardarei sempre. Não tenho dúvida de que o poder de observação e o senso crítico que ele tanto cobrava dos alunos estão, de uma forma ou de outra, inseridos em *O Viajante Aprendiz*. Nos dois períodos seguintes, veio a aproximação com a professora Malu Fontes – de dicas preciosas neste trabalho final -, através de duas disciplinas optativas em que as turmas tiveram oportunidade de observar os veículos de comunicação como público, e não produtores de notícia. Será que escrevemos como gostaríamos de ler? Ainda não sei bem. Especificamente no quinto período do curso, passei por outra disciplina importante na minha formação: Comunicação e Ética, ministrada por Maria Augusta Souza. Não há dúvida de que todas as discussões sobre moral e ética nas relações profissionais e pessoais

foram levadas em conta durante a vivência das histórias de *O Viajante Aprendiz*.

No período entre o quarto e o quinto semestres da graduação, surgiram oportunidades “profissionais” que me conduziram ainda mais para os caminhos da reportagem. Primeiro, um período de estágio na TVE Bahia, como produtor de pautas e, posteriormente, como repórter. Foi quando descobri que o já citado “clima de redação” somente se completa quando aliado à “atmosfera da rua”. Olhar no olho das pessoas envolvidas em determinada situação e conseguir tirar delas uma informação que vale a matéria é algo comparado a marcar um gol numa partida decisiva.

Após o término do contrato na TVE, sou convidado pelo jornalista Humberto Sampaio, editor, na época, da então recém-criada Revista Metrópole, para ser o estagiário “faz tudo”. Da pauta à reportagem, da fotografia ao fechamento, passei por momentos marcantes da minha formação profissional, como a realização de uma matéria sobre a antiga administração do Esporte Clube Vitória que levou o ex-presidente do clube, Paulo Carneiro, a me procurar

na redação para “dizer umas verdades”, e a entrada “clandestina” na emergência do Hospital Geral do Estado, de onde saí com imagens exclusivas da situação das unidades de saúde pública de Salvador. Trechos desta matéria chegaram a ser lidos no plenário da Assembléia Legislativa da Bahia por deputados de oposição ao governo estadual. Ou seja, sem que eu me desse conta, meu caminho estava traçado. Não havia outra opção a não ser seguir com a prática jornalística efetiva.

Terminava ali a minha primeira “raia” na Facom e eu partia para o intercâmbio, todo ele representado em *O Viajante Aprendiz*. Vejo esta obra como uma espécie de síntese da minha trajetória de estudante. Por meio dela, é possível detectar o gosto pela reportagem e a fuga do formalismo. As crônicas nasceram sem metodologia ou obrigatoriedade. Os depoimentos usados nos textos não foram colhidos por um “repórter viajante”, mas por um “viajante repórter”. São todos frutos de conversas informais e observação livre. Se algo me chamava a atenção e eu conseguia arrumar as impressões com palavras, ótimo. Tenho certeza, porém, de que muita coisa ficou pelo caminho de viagens e vivências sem o devido registro.

Na volta do intercâmbio, não havia dúvida de quem procurar para me acompanhar no desenvolvimento do Trabalho de Conclusão. Do quadro docente da Facom, Malu Fontes é uma das poucas que ainda se dedica à função efetiva de jornalista, o que já me deixa mais à vontade. Além disso, a nossa boa relação fez com que o trabalho fosse ganhando corpo sem percalços. A participação de Malu foi relevante principalmente na elaboração do presente Memorial, afinal o “miolo” do livro já estava quase que, em sua totalidade, concluído.

Chego ao final de um ciclo com a certeza de que, no plano pessoal, acertei nas escolhas que fiz. Ao pensar em possibilidades do que faria se não tivesse entrado na trilha jornalística, me imagino em poucas atividades. Acho que seria feliz como instrutor de mergulho no arquipélago de Abrolhos, líder de uma equipe de corridas de aventura ou fotógrafo do circuito mundial de surfe profissional (quem sabe!), afora a utópica idéia de ser um grande trompetista de salsa. Mas, até agora, o que sei fazer é gastar solas de sapato, mesmo sem a clareza de que está garantida a minha estabilidade profissional.

3 - FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O ponto de apoio teórico de *O Viajante Aprendiz* está fincado, fundamentalmente, na utilização de elementos do Jornalismo Literário para colocar em prática as ideias sobre a produção de um livro-reportagem. O livro também tem como base a relação entre Comunicação e Turismo.

De antemão, é preciso deixar claro o pensamento de que o jornalismo, em definição um tanto quanto superficial, está em quase todas as atividades humanas. O fato de transmitir ao próximo informações novas sobre determinado assunto, as impressões sobre um lugar visitado ou a opinião a respeito de um filme são ações comuns de pessoas que vivem em sociedade e, ao mesmo tempo, estão na essência da atividade jornalística. O jornalista Felipe Pena (2008) tem uma boa definição para o jornalismo, que além de abordar o fazer jornalístico, aponta desde já para o propósito de *O Viajante Aprendiz*, que é relatar impressões de viagens:

“Para mim, a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a

querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E, assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente, sentindo-se um pouco mais seguro para enfrentar o cotidiano aterrorizante de seu meio ambiente. Para isso, é preciso superar limites, transpor barreiras, ousar. Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes a desbravar o desconhecido. Também é preciso que eles façam relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade, que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar jornalismo” (PENA, 2008, p. 25).

3.1 - Comunicação e Publicações destinadas a turistas

De maneira geral, a análise dos estudos já realizados por autores que interpretaram ou abordaram a relação entre a

Comunicação e o Turismo, deixa nítido que as duas áreas estão fortemente vinculadas. Wainberg (2003) enfatiza que o turismo é, em sua essência, uma ação comunicacional, por isso torna-se imprescindível criar um suporte teórico para a comunicação voltada especificamente para o turismo.

“A comunicação turística respeita ao mesmo tempo as conquistas das ciências da comunicação e a especificidade do fenômeno turístico, que é uma migração (abordagem geográfica), um deslocamento de consumo (segundo os economistas), um signo de pertencimento a uma elite ostentatória (análise dos antropólogos e sociólogos), um comportamento lúdico (sob o ponto de vista dos psicólogos e etnólogos), um testemunho da evolução pós-industrial da sociedade industrial (aos olhos do historiador)” (BOYER & VIALON apud YASOSHIMA, 2004, p.12).

O desenvolvimento da comunicação durante a revolução industrial do século XIX foi de grande importância para o turismo,

pois a divulgação dos locais atrativos passou a abranger espaço e público maiores. É neste período que surgem as revistas especializadas em turismo, como a *Revue des Deux Mondes* (Show dos dois Mundos) e a *Magasin Pittoresque* (Revista Pitoresca).

De acordo com Avighi (apud BRANDÃO, p. 42), estas publicações serviam para despertar nos leitores a curiosidade e o consequente interesse por uma viagem para conhecer um novo local. As publicações, fossem elas revistas especializadas, guias, mapas ou periódicos, motivavam os indivíduos e eram recheadas de informações e dicas práticas para o turista. Avighi afirma ainda que o gênero Literatura de Viagens começou a ser difundido nesta época, com o relato de aventuras de autores como Livingstone, Stanley e Burton. Os livros, que naquela altura eram carregados de fantasia e não só de eventos factuais, estimulavam ainda mais os turistas. Neste contexto, surge ainda outro recurso que incrementa as publicações voltadas para o turismo. É a fotografia, que torna visível tudo que antes estava apenas no imaginário de leitores. Vistas impressas, imagens despertam em qualquer pessoa o desejo de vê-las

pessoalmente e, de certa maneira, “fazer parte” delas em um determinado momento.

Estando claro o interesse do público pelas “viagens”, os veículos de comunicação passaram a destinar espaços cada vez maiores ao tema. Jornais impressos, quando não contam com cadernos específicos, costumemente apresentam dicas de viagem em matérias sobre destinos mais ou menos conhecidos. Há de se notar, no entanto, que muitas vezes o material publicado tem uma conotação “oficial”.

No meio jornalístico, atualmente, é comum a prática de publicar reportagens de viagem sem que o repórter ao menos tenha ido ao destino sugerido. Nestes casos, o que mais conta é o aspecto comercial. Com informações que podem ser colhidas em qualquer página da internet e dados checados com agências de viagem, companhias aéreas e redes hoteleiras, é possível oferecer ao leitor, sem grande dificuldade, boas opções de passeio. Nestas matérias, porém, falta a essência da viagem. Falta a impressão do repórter no local. Só assim ele poderia transmitir ao leitor aspectos específicos

daquele ambiente, detalhes que só percebidos com um tempo razoável de observação.

Na televisão, por sua vez, as possibilidades de matérias, quadros ou programas voltados para o turismo são mais amplas, principalmente pelo apoio da imagem em movimento e pela quase obrigatória presença do repórter no local. Mas isso não quer dizer que as informações vão na contramão dos dados oficiais. Há, de certa forma, uma “espetacularização” das viagens. Quadros como o *Tô de Folga do Jornal Hoje*, da TV Globo, são claramente construídos em cima do que redes hoteleiras e agências de turismo oferecem ao telejornal. Outro exemplo de programa que se constitui desta maneira é o *Passaporte*, de longa história na TV local, sendo veiculado atualmente pela TVE. O *Passaporte* chega a encerrar suas matérias informando as companhias aéreas e agências de viagem que podem conduzir o telespectador ao destino indicado minutos atrás.

Há, no entanto, caminhos mais direcionados para as impressões de quem viaja que para as dicas de turismo, com maior ou menor qualidade. Talvez a referência mais conhecida de dicas de

viagem em televisão sejam os quadros do *Fantástico*, da TV Globo. Ao longo do tempo, principalmente com os repórteres Glória Maria, Maurício Kubrusly e Zeca Camargo, a revista eletrônica sempre encontra ganchos diferentes para levar o telespectador ao mais variados cantos do planeta. Seja para dar uma volta ao mundo com poucos recursos financeiros, seja para mostrar os patrimônios da humanidade que precisam ser recuperados, os repórteres vivem aventuras que deslumbram o público a cada domingo. Aqui, vale destacar o livro *A fantástica volta ao mundo*, que revela os bastidores dos quatro meses de viagem de Zeca Camargo em 2004.

Quando se trata de programas ou quadros de viagens, outro que se destaca é o milionário Álvaro Garnero, que, sem modéstia, apresenta sua família como uma das “grandes dinastias do universo social da América e da Europa – como os Kennedy ou os Grimaldi”. Na TV Record, Garnero apresenta o *50 por 1*, projeto idealizado com o objetivo de mostrar ao público 50 lugares onde o empresário viveu experiências de viagem marcantes em sua vida. Com boa aceitação, o projeto foi ampliado e já entrou em nova temporada. Agora Garnero conduz o telespectador por rotas turísticas em locais

variados do planeta, pegando, por exemplo, um trem que vai da savana africana até a costa da África do Sul ou percorrendo de bicicleta a Provença francesa, passando por cidades como Marselha e Nice.

No plano local, o exemplo de maior visibilidade é o da jornalista Liliane Reis, que apresentou o *Na Carona*, da TV Bahia, e depois passou a produzir um programa com as mesmas características para a TV Cultura, o *Decola*. O êxito do *Na Carona* estava no espaço que dava para as manifestações culturais do interior baiano, além da marca registrada de estar voltado para os esportes radicais. Semanalmente, o público acompanhava Liliane Reis em saltos de *bung jump* da ponte de Paulo Afonso ou em descidas de bote nas bravas águas do Rio de Contas, quando se aproximam de sua foz na cidade de Itacaré.

No canal Multishow, da Globosat, o ator Bruno de Luca comanda o *Vai pra onde?*. Uma vez por semana, o telespectador pode acompanhar viagens de De Luca por diversos lugares do planeta. Geralmente viajando sozinho (apenas com equipe técnica),

ele entra em contato com os moradores locais e tenta vivenciar experiências típicas do seu destino. Aventuras semelhantes viveram também as atrizes Priscila Fantin, Giselle Itié e Mel Lisboa, que já conduziram o programa *Oi Mundo Afora*, ainda sendo exibido pelo canal GNT. Mel Lisboa, inclusive, após conhecer localidades em nove países diferentes, lançou o livro *Mundo Afora: diário de bordo de Mel Lisboa*, cujo objetivo é semelhante ao de *O Viajante Aprendiz*: passar para o leitor impressões de viagem que superem as dicas de turismo.

3.2 - Jornalismo de viagem

Para Boyer & Viallon (apud YASOSHIMA, 2004, p.09), a principal característica comum entre Comunicação e Turismo é o fato de que as duas áreas “formam mais campos científicos do que disciplinas fechadas. Várias abordagens desses dois domínios são possíveis: sociológica, histórica, jurídica, econômica, entre outras, mas só uma visão interdisciplinar permite uma análise exaustiva e cientificamente comprovada”. Mas é possível perceber também que existe limite nas abordagens do Turismo pela Comunicação:

“Considerado um dos mais impressionantes fenômenos humanos do século XX, o turismo tem sido estudado de variadas formas, em especial na sua dimensão econômica. (...) Tais reflexões não têm contemplado, no entanto, com profundidade, o fundamento comunicacional da experiência turística” (WAINBERG, 2003, p.07).

Este “fundamento comunicacional da experiência turística”, geralmente, não contemplado nas publicações voltadas para o turismo, é o que dá corpo à *O Viajante Aprendiz*. Segundo Freire (1998), “viajar é como fazer parte de um filme inspirado num livro que você já leu.” Ainda em cima da mesma analogia, o autor defende que realizar uma viagem é, na verdade, participar de um filme somente nas cenas em que o viajante quiser.

“Se você subir num ônibus com 40 pessoas para fazer um *city-tour*, você vai se sentir um figurante. Se você resolver fazer o mesmíssimo circuito sozinho, de metrô, pode se sentir o próprio diretor” (FREIRE, 1998, p. 21).

O Viajante Aprendiz é, antes de tudo, como já foi dito, um conjunto de impressões baseadas na experiência. Esta característica foi determinante para a escolha do formato livro-reportagem, suporte que permite ao autor inserir-se no ambiente da notícia, além de possibilitar a fuga do formato tradicional de reportagem.

“Assim como acontece com as autobiografias, as impressões de viagem acabam sendo uma obra de ficção ligeiramente baseada em fatos reais. Nossa memória turística tem filtros, lentes e truques imensamente mais sofisticados que os dos fotógrafos de cartão postal. Por isso é que as viagens têm o dom de transformar as coisas mais corriqueiras em acontecimentos especiais (...)” (FREIRE, 1998, p. 21).

Em primeira análise, pode parecer que o público não se interesse por relatos de experiências pessoais do autor, mas alguns lançamentos editoriais recentes demonstram que as impressões de viagem, que também podem ser encontradas através de diários, encontram boa aceitação dos leitores. Prova disso é a revista *Minha*

Viagem, que se apresenta como “a única que paga pela viagem do leitor”. Segundo os editores, os leitores propõem para eles próprios um determinado roteiro turístico. Se a revista aprovar a proposta, cobre as despesas de transporte, estadia e alimentação, ficando para o viajante a tarefa de relatar o seu passeio na volta e apresentar a outros leitores os seus pontos de interesse durante a viagem.

Dentro da mesma caracterização de relatos de viagem, a repórter da Rede Globo, Sônia Bridi, escreveu o livro *Laowai*, que traz histórias dos bastidores de seu período como correspondente na China. Apresentado como “misto de livro de reportagem e diário de viagem”, *Laowai* tem histórias engraçadas e revelações sobre as dificuldades que um estrangeiro enfrenta para viver e trabalhar no país oriental, todas informações que, obviamente, não apareceram nas reportagens de Bridi para a TV.

“É uma diversão escolher o número de telefone mais barato da loja. Sim, a gente paga conforme o número. Com muitos número oito, pode custar um fortuna. Oito tem uma pronúncia parecida com a palavra “prosperidade”. Os chineses acreditam no

poder das palavras – de mais de uma forma. Já o quatro, coitado, pode ser confundido com a palavra “morte”. E eles fogem desse número como o diabo da cruz. Compro um terminado em quatro pelo equivalente a um dólar e saio feliz da vida com a barganha” (BRIDI, 2008, p. 34).

Outro bom exemplo contemporâneo de relatos de viagem reunidos em livro é a obra *Diário do Iraque*, do escritor peruano Mário Vargas Llosa. O romancista passou 12 dias no país árabe em 2003, juntamente com sua filha, a fotógrafa Morgana Vargas Llosa. Passando por diversas cidades iraquianas e conversando com pessoas das mais diversas classes e etnias, os dois registraram com imagens e textos curtos - com linguagem de cronista - o cotidiano da população de um Iraque em guerra, alguns meses após a invasão norte-americana que culminou com a queda do então presidente daquele país, Saddam Hussein.

“Esta reportagem relata uma viagem no Iraque de 12 dias, entre 25 de junho e 6 de julho de 2003. Escrevi-a apressadamente enquanto vivia o que

contava, e corrigi-a no meu regresso à Espanha, na segunda semana de julho. Começou a ser publicada no *El País*, de Madrid, e em diários e revistas de vários países da Europa e da América Latina a partir dos primeiros dias de agosto. Mas, nem todos os diários e semanários que adquiriram os direitos de edição publicaram a série completa, mas sim artigos soltos. Essa é uma das razões que me levou a reuni-los num livro: a fim de corrigir as impressões erradas ou imprecisas da minha breve experiência iraquiana que poderia ter deixado uma leitura fragmentada da reportagem” (LLOSA, 2003, p. 07).

Obras como as de Vargas Llosa e Sônia Bridi demonstram que a produção de um livro-reportagem e a prática do que se convencionou chamar Jornalismo literário requerem um aprofundamento do tema relatado. A partir do momento em que o autor se aproxima do seu objeto, ao mesmo tempo afasta-se da pretensa “objetividade jornalística” cotidiana e se insere no contexto da notícia. Quando esta notícia se apresenta durante uma viagem,

torna-se ainda mais importante a capacidade de observação de um repórter, que construirá suas impressões (subjetivas) sobre os símbolos culturais e/ou sociais do local onde se encontra. Nesta relação, o Jornalismo encontra na Literatura, a liberdade para a produção de um texto que rompe as correntes da redação, enquanto a Literatura apóia-se no Jornalismo para que os fatos relatados não fujam da veracidade.

“Um exemplo é a *National Geographic*, que tem até uma edição brasileira e talvez seja o exemplo mais bem-acabado de união entre imagem e texto com densidade. Sua proposta é produzir matérias muito bem ilustradas, escritas quase sempre com elegância, profundidade e sensibilidade por ‘repórteres-escretores’. A matéria-prima básica, desde o início, tem sido lugares, espécies e sociedades exóticas de todo o planeta” (BELO, 2006, p. 28).

3.3 - Jornalismo literário e livro-reportagem

O jornalista Eduardo Belo (2006) afirma que um dos primeiros momentos de aproximação da produção de cunho jornalístico com os livros se deu justamente através dos registros de viagens ou narrativas dos conquistadores europeus em colônias pelo mundo, com a ressalva de que aquelas obras eram carregadas da visão dominadora do Velho Continente. Há, no entanto, registros de viagem em livro que se estabeleceram como referências tanto do Jornalismo quanto da Literatura, como é o caso de *Os Sertões*, clássico de Euclides da Cunha, sobre a Guerra de Canudos, na Bahia, que antes de ser editado como livro, foi publicado como uma série de relatos para o jornal *O Estado de S. Paulo*.

Ainda segundo Belo (2006), no Brasil, a aparição do Jornalismo com viés mais literário se deu com a revista *O Cruzeiro*, criada em 1928 e ainda considerado o maior fenômeno editorial do país. A publicação permitia que seus repórteres produzissem relatos com um texto cheio de brilho, que logo cativava o público. O problema é que com o tempo ficou provado que grande parte das

informações publicadas pela revista foram inventadas ou apuradas sem a menor ética.

Depois de *O Cruzeiro*, veio a revista *Diretrizes*, do famoso repórter Samuel Wainer⁴, que conseguiu levar ao leitor textos de grande qualidade sobre as histórias mais instigantes da época, todos assinados por grandes profissionais. Acontece que *Diretrizes*, apesar de ter bastante prestígio intelectual e político, não alcançou grande êxito comercial. Este mal, entretanto, não atingiu, na década de 1960, a *Realidade*, da editora Abril, que apresentou ao leitor novas tendências estéticas e editoriais e que trazia, desde então, uma abertura para o repórter que tenta transmitir ao leitor a experiência pela qual passou em determinada ocasião, ponto de partida de *O Viajante Aprendiz*.

“Cada repórter podia abordar sua pauta pelo ângulo que escolhesse. Chegara a fase da reportagem-conto,

⁴ Foi fundador, editor-chefe e diretor do jornal Última Hora. Como repórter dos Diários Associados, de Assis Chateaubriand, deu um “furo de reportagem” e realizou uma entrevista com Getúlio Vargas que impulsionou a campanha varguista para a presidência, em 1950.

reunindo ao mesmo tempo leveza e profundidade no tratamento dos assuntos.

Era época também da reportagem participativa. O jornalista descrevia uma situação real pela qual havia passado – experiência que os próceres do *new journalism* empregaram fartamente. (...) Mas a capa mais marcante da revista foi o relato do correspondente de guerra José Hamilton Ribeiro, raríssimo profissional hoje com mais de meio século de reportagem. Ele havia sido designado para descrever *in loco* a guerra do Vietnã, em 1968. Perdeu parte da perna esquerda ao pisar em uma mina terrestre” (BELO, 2006, p. 30).

Vale destacar ainda o jornalista Paulo Barreto⁵, visto por muitos como o principal responsável pela introdução da reportagem nos jornais brasileiros. Aliando um texto rico, de viés explicitamente

⁵ Jornalista, cronista e teatrólogo brasileiro, publicou reportagens e críticas literárias e teatrais assinadas com diversos pseudônimos em veículos como O Dia e Correio Mercantil. No Gazeta de Notícias, em 1903, adotou seu pseudônimo mais famoso, João do Rio, que virou referência na imprensa carioca do início do século XX.

literário, com as técnicas modernas de reportagem – como questionamento de fontes e descrição detalhada de ambientes e pessoas -, o homem que assinava com o conhecido pseudônimo de João do Rio ganhou notoriedade com suas *crônicas-reportagens*, que posteriormente foram reunidas em um livro.

Os Sertões, *Lawoai* e *Diário do Iraque*, obras já citadas neste trabalho, são apenas três exemplos de relação próxima que o Jornalismo de Viagem tem com o Jornalismo literário. Neste ponto, é importante deixar claro que não se pode falar sobre a fusão entre Jornalismo e Literatura sem citar o *New Journalism*.

“O jornalista Gianni Carta, defensor da reportagem de ‘longo curso’, escreve na introdução de seu *Velho novo jornalismo* que as técnicas empregadas pelos *new journalism* dos anos 1960 já haviam passado com brilhantismo pelas mãos do britânico George Orwell e do americano Ernest Hemingway” (BELO, 2006, p. 24).

De acordo com Belo (2006), a técnica a que Carta se refere não passava do uso de uma narrativa de fatos com traços mais literários, em detrimento da linguagem apressada e enxuta que se encontra usualmente no jornalismo diário. “Enfim, era uma espécie de ‘voto de protesto’ contra a ditadura do *lead* e da pirâmide invertida”, diz o autor, referindo-se ao entendimento quase que geral de que o texto jornalístico deve apresentar todas as informações importantes logo no seu primeiro parágrafo, para que o leitor tenha o entendimento global do assunto, já no início da leitura.

“Calcado na qualidade do texto e no amplo espaço disponível em jornais e revistas, o movimento teve a seu favor uma safra de jovens narradores notáveis, como Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer e Gay Talese. Produzindo em profusão e com uma linguagem mais trabalhada do que preconizavam os primeiros manuais de redação, os expoentes do *new journalism* ganharam o mundo” (BELO, 2006, p. 25).

Levado por esta correnteza favorável, Truman Capote escreveu *A Sangue Frio*, visto até hoje como a obra que melhor representa o *New Journalism*. Publicado originalmente na revista *The New Yorker*, o livro é resultado de uma apuração de seis anos de Capote a respeito da chacina de uma família no interior do Kansas, nos Estados Unidos. *A Sangue Frio*, que foi classificado por seu próprio autor como um “romance de não-ficção”, foi encarado como “sensacionalista” por muitos críticos, mas conseguiu números expressivos de venda e é procurado até hoje em livrarias de todo o mundo.

Mesmo com as duras críticas que recebeu, *A Sangue Frio* marca o momento de um salto qualitativo no Jornalismo Literário. Devido à forma como Capote empregou elementos da literatura na ocasião em que transformou em texto os dados de sua longa apuração. Como bem lembra Belo (2006), problemas com exatidão de informações não foram exclusividade de Capote ou do período histórico em que sua obra foi publicada, já que alguns autores também consagrados tiveram o conteúdo de suas produções jornalísticas questionado. Críticos acusavam Ernest Hemingway, por

exemplo, de relatar fatos “a distância”, sem fazer uma reconstrução da história de maneira fiel. Além disso, dizia-se que o americano, em suas descrições, adotava colorações mais vivas do que as verdadeiras.

“A menção a estes fatos não constitui um questionamento da obra, da qualidade, do talento e muito menos da importância de autores como Capote e Hemingway. As cores vivas de Hemingway tornavam seu texto único. A descrição minuciosa das cenas fazia de Capote um cineasta do texto. Mas as menções pouco lisonjeiras à parte do trabalho dos dois guardam em si uma lição muito importante para qualquer profissional: ao jornalismo, não basta parecer honesto e bem-feito. Precisa ser profundamente calcado na realidade. Mesmo quando romanceado” (BELO, 2006, p. 45).

Passível de críticas, *O Viajante Aprendiz* carrega consigo características cruciais para uma reportagem bem-feita. Todos os

fatos, mesmo romanceados, foram reais, e o autor acompanhou cada um deles de perto, afinal, também foi agente das experiências.

Além disso, as *crônicas-reportagens* se aproximam ainda de outra característica do Jornalismo literário: o afastamento das fontes oficiais – políticos, assessores, pesquisadores -, sempre disponíveis para fornecer as informações básicas para a produção de qualquer material noticioso. Em *O Viajante Aprendiz*, ganha espaço a figura humana comum, que pode ser encontrada em qualquer esquina, mas que sempre tem uma boa história que precisa ser contada. Neste livro, estudantes da Europa ocidental têm a mesma importância de membros de tribos nômades do deserto do Saara. Crianças parisienses brincam, num corte de tempo e espaço, com meninos marroquinos de pouca roupa. Um português faz uma pergunta no centro da Península Ibérica, respondida por um dono de *PUB* inglês, em meio à agitação londrina.

Visto como uma válvula de escape da rotina produtiva de um jornal diário ou até mesmo semanal, o Jornalismo literário proporciona ao “repórter-escritor” a possibilidade da ousadia, da

busca por uma alternativa um tanto arriscada que pode resultar em algo bastante prazeroso. Com as amarras do *dead-line* – hora ou dia em que uma matéria ou reportagem deve estar pronta – mais folgadas, existe tempo hábil para novas aventuras textuais, que, obviamente, se aproximam ao mesmo tempo do erro e do êxito. Há, porém, chance para analisar as falhas e encontrar a melhor forma de apresentar uma determinada situação.

“Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. O conceito (de Jornalismo Literário) é muito mais amplo. Significa potencializar os recursos do jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade” (PENA, 2008, p. 13).

Um texto prazeroso é facilmente reconhecido pelos leitores. Num instante, um emaranhado de palavras transforma-se em um portal que nos transfere para os locais mais inusitados, nas situações mais inesperadas. É quando o escritor, tendo escrito há muitos anos, ou mesmo já falecido, parece segurar na mão do leitor e fazê-lo

chegar ao final da leitura antes que se dê conta de quantas linhas ou páginas ficaram para trás. O Jornalismo Literário dá esta possibilidade ao “repórter-escritor”, que tenta domar as palavras para que seu “leitor-acompanhante” não escape no meio do caminho. E a tarefa não é fácil, nem para nomes consagrados. Em entrevista informal, o romancista português Antonio Lobo Antunes, atualmente considerado um dos maiores escritores da língua portuguesa, disse-me: “Escrever dói. É muito árduo. Temos que achar as palavras exatas. Eu não gosto de escrever. Eu gosto mesmo é de ter escrito”.

3.4 - O que move o mundo

Dentre as crônicas integrantes de *O Viajante Aprendiz*, quatro fazem parte de uma série de textos intitulada *O que move o mundo*. Estes textos formam uma ode ao futebol, que além de já ter se provado como um fenômeno de ilimitado alcance social, constitui-se como uma das máximas expressões da identidade brasileira. O enfoque, no entanto, não está nas competições organizadas por federações ou nas disputas ocorridas dentro do

campo. A intenção daqueles textos é desvendar a poesia humana por trás dos torcedores, dos amantes comuns da bola.

O que move o mundo revela como as cidades, juntamente com seus habitantes, mudam seus semblantes em ocasiões de grandes embates da bola. Desvenda o misterioso prazer de crianças que jogam futebol sem compromisso, como poetas que fazem versos quase sem querer. Os textos partem da premissa futebolística para refletir a interação humana, o rompimento de barreiras sociais, raciais e até mesmo ideológicas - pela inexplicável opção de acompanhar uma partida de futebol e, ao mesmo tempo, fazer parte dela.

A inserção do tópico *O que move o mundo* no presente Memorial não significa que apenas os textos desta série merecem destaque na coletânea de crônicas. Tampouco indica que os demais textos não expressam com fidelidade as impressões do autor sobre os aspectos abordados. O espaço da série neste Memorial é um reflexo do destaque que ela já tem dentro do livro *O Viajante Aprendiz*, representada por quatro crônicas. É, também – e aqui vai a óbvia

confissão-, conseqüência do meu gosto pessoal pelo futebol, tema recorrente desde que comecei a produzir textos livres, sem o formalismo noticioso.

Sem a pretensão de igualá-los, *O que move o mundo* segue o rastro de expoentes da crônica esportiva brasileira como Nelson Rodrigues e Tostão, além do incansável Armando Nogueira, responsável pela implantação de jornalismo da Rede Globo. Tendo participado da cobertura de 15 Copas do Mundo, Nogueira, assim como Rodrigues e Tostão, notabiliza-se por, diante de uma partida de futebol ou da ação de algum jogador, construir textos que transcendem o tempo. Todos eles tiveram (e ainda têm) suas crônicas publicadas em grandes veículos de comunicação, a exemplo do *Jornal do Brasil*, *O Globo* e *Folha de S. Paulo*, e muitas estão reunidas em livros que, construídos ao longo de anos, são obras-primas do Jornalismo literário, como *A ginga e o jogo*, de Armando Nogueira.

“O futebol é assim: desperta na pessoa um sentimento virtuoso que transcende a amizade, que vai além do amor e culmina no santo desvario da

paixão. Tem de tudo um pouco, porém, é mais que tudo. Torcer para uma camisa é plena entrega. É mais que ser mãe, porque não desdobra fibra por fibra o coração. Destroça-o de uma vez no desespero de uma derrota. Em compensação, remoça-o no delírio de uma vitória.” (NOGUEIRA, 2003).

O cantor e compositor Chico Buarque é outro que, mesmo tendo uma curta produção textual especificamente voltada para o futebol, prova com palavras que este esporte é, em sua essência, um conjunto harmônico que proporciona prosas quase melódicas, principalmente quando as histórias que envolvem o jogo são encontradas durante uma viagem, caso das histórias de *O Viajante Aprendiz*. Enviado especial de *O Globo* para acompanhar a Copa do Mundo de 1998, na França, Buarque tinha apenas que observar o ambiente e escrever sobre o que quisesse para uma coluna do jornal. Produziu crônicas que, desde então, são referências do Jornalismo literário voltado para o esporte.

“Livrentemente inspirada no *football association*, a pelada é a matriz do futebol sul-americano e, hoje

em dia mais nitidamente, do africano. É praticada, como se sabe, por moleques de pés descalços no meio da rua, em pirambeira, na linha de trem, dentro do ônibus, no mangue, na areia fofa, em qualquer terreno pouco confiável. Nesse esporte descampado todas as linhas são imaginárias - ou flutuantes, como a linha da água no futebol de praia - e o próprio gol é coisa abstrata. O que conta mesmo é a bola e o moleque, o moleque e a bola, e por bola pode se entender um coco, uma laranja ou um ovo, pois já vi fazerem embaixada com ovo” (BUARQUE, 1998).

Em *O Viajante Aprendiz, O que move o mundo* aborda quatro ocasiões em que o futebol é pano de fundo para situações marcantes na trajetória de quem as vivencia. Nos textos da série, está representada a agonia de torcedores que acompanham seus times a distância, brigando contra o fuso-horário e as adversidades inerentes de quem vive em Portugal e quer “ver de perto” o futebol do Brasil, da Turquia ou da China. É mostrado ainda como o futebol mexe com a sociedade marroquina, desde as populações urbanas até as tribos

nômades do deserto do Saara. Por fim, retrata a paixão febril, mundialmente conhecida, dos torcedores ingleses, e a redenção de uma desacreditada seleção espanhola, que após a conquista do título do Campeonato Europeu de Seleções, em 2008, vem encantando o mundo com seu jogo vistoso.

4 - CONSIDERAÇÕES FINAIS

No livro *Viagem a Portugal*, o escritor português José Saramago leva o leitor para um passeio pelas mais diversas regiões de sua terra natal, descrevendo (com precisão e leveza) paisagens, igrejas e cenários urbanos. No encerramento de sua obra, Saramago afirma que o fim de uma viagem é apenas o começo de outra. Foi com esta sensação que encarei a produção de *O Viajante Aprendiz*.

Perceber que poderia reunir, em um livro, textos que já estavam prontos, me fez enxergar que aqueles textos nunca estarão verdadeiramente prontos, e sim paralisados. A releitura de cada um deles desperta lembranças e a percepção de que poderiam ser reescritos com uma abordagem completamente diferente. Esta é uma permissão do Jornalismo literário, que dá espaço para um tratamento atemporal a eventos que, se estão encerrados no tempo, ecoam nas palavras de quem os presenciou.

A tarefa de reunir os textos para o livro e pesquisar informações sobre Jornalismo de viagem e a forma como o Turismo se insere dentro da produção editorial, fez também com que eu

conseguisse organizar uma ideia que construí aos poucos, percorrendo os caminhos de cada viagem: ninguém viaja para conhecer um lugar. Qualquer pessoa que visita, por exemplo, Paris, sabe que vai encontrar a Torre Eiffel e o Arco do Triunfo. Então a função do viajante é, na verdade, simplesmente afirmar, ou negar, seus conceitos prévios sobre o destino. No desfecho da viagem, a reflexão pessoal de cada turista é que determina se Paris é charmosa e romântica, ou não passa de uma selva de pedras, com um obelisco de ferro no centro.

Outra consideração que agora faço a partir das minhas viagens – e de suas conseqüentes crônicas – é a de que a globalização, que efetivamente reconfigurou as barreiras de tempo e espaço nas relações entre diferentes comunidades, ainda não foi capaz de transformar drasticamente as características específicas de cada local. Com o incremento da tecnologia da informação, a pesquisa por dados e dicas sobre um destino turístico tornou-se mais eficiente. Além disso, a qualidade das informações sobre uma cidade, que podem ser reunidas antes do início de cada viagem, é notavelmente maior. Ainda assim, quando o viajante chega a seu

destino, tem que passar por um período de adaptação, de “reconhecimento de terreno”, pois cada pólo de atração turística – assim como os usos e costumes da população local – carrega suas particularidades. Aliás, são essas particularidades que tornam um local mais ou menos agradável, em relação a outro.

A tarefa de produzir *O Viajante Aprendiz* foi relevante também para conhecer informações que até então eu não detinha sobre o processo de produção editorial, como as variadas possibilidades de formatação de um livro – sempre em busca da opção que alie baixo custo e leitura confortável -, e o tratamento das imagens, além do aprofundamento teórico no que diz respeito a livros-reportagens e ao Jornalismo literário.

Em suma, sendo uma coletânea de crônicas escritas em momentos diferentes, *O Viajante Aprendiz* me proporcionou uma nova viagem, teórica e prática. Um retorno a um tempo que, concretamente, é passado, e, no entanto, pode se fazer presente através da leitura desta coletânea. É como bem define Saramago: “A

viagem não acaba nunca. Só os viajantes acabam. E mesmo estes podem prolongar-se em memória, em lembrança, em narrativa”.

5 - REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. São Paulo: Contexto, 2006.
- BRANDÃO, Christian Bressane. **Jornalismo especializado em turismo: foco nas revistas Horizonte Geográfico, Os Caminhos da Terra, Próxima Viagem e Viagem e Turismo**.
- BUARQUE, Chico. O Moleque e a Bola. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1998, 21/06/1998.
- BRIDI, Sônia. **Laowai (estrangeiro)**. Florianópolis: Letras Brasileiras, 2008.
- CARVALHO, Carmem Regina de Oliveira. **Jornalismo especializado em turismo**: Dissertação (Mestrado) - Universidade de São Paulo, Escola de Comunicação e Artes, São Paulo.
- FREIRE, Ricardo. **Viaje na Viagem: Auto-ajuda para turistas**. São Paulo: Mandarim, 1998.
- LIMA, Edvaldo Pereira. **Páginas Ampliadas: O livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. São Paulo: Ed. Unicamp, 1995.
- LLOSA, Mário Vargas; LLOSA, Morgana Vargas. **Diário do Iaraque**. Vila Nova de Famalicão: Quasi, 2007.
- NOGUEIRA, Armando. **A ginga e o jogo: todas as emoções das melhores crônicas de Armando Nogueira**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2003.
- PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2008.
- REVISTA MINHA VIAGEM**. São Paulo: editora Cadiz, 2008. Mensal. ISSN 1982-6818.
- RODRIGUES, Ana Isabel. **Alguns contributos para uma reflexão sobre o estudo do Turismo e da Comunicação**. Escola Superior de Tecnologia e Gestão – Instituto Politécnico de Beja. Área Científica de Turismo.
- SANTOS, Daniella Almeida. **A (des)caracterização do livro-reportagem em projetos experimentais de Jornalismo**. Professora da Universidade de Taubaté.
- WAINBERG, Jacques A. 2003. **Turismo e comunicação: a indústria da diferença**. São Paulo: Contexto.
- YASOSHIMA, José Roberto. 2004. “**A comunicação turística como manifestação da hospitalidade de um destino**”. Anais do X CELACOM. São Paulo: Universidade Metodista de São Paulo.
- Entrevista com Antonio Lobo Antunes – 13/12/2007 – Livraria Primeira Página – Braga/Portugal

This document was created with Win2PDF available at <http://www.win2pdf.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.
This page will not be added after purchasing Win2PDF.